

Temporalidades na vida de professoras

4

Temporalities in the life of teaching

Luciana P. Marques^{*}
Karla Aparecida Gabriel^{**}
Alan Willian de Jesus^{***}

Resumo: Nossos estudos na área da Educação e Diversidade *no/do* Grupo de Pesquisa *Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação e Diversidade (Neped)*, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, têm sido direcionados à compreensão das diferenças, tanto no que se referem aos fundamentos históricos, filosóficos, sociológicos que implicam a atualidade de outra forma de homens e mulheres serem, estarem e se relacionarem *no e com* o mundo, como também nos reflexos de toda essa mudança *na e para* a educação. Uma das linhas de pesquisa do Núcleo – *Cotidiano Escolar e Diversidade* – tem como pano de fundo o deslocamento do dado do universal da modernidade para o do múltiplo da atualidade, através da análise das categorias conhecimento, tempo, espaço e sujeito. Particularmente no *Grupo Tempos*, focamos nossos estudos/pesquisas na temática *tempo*. Neste texto, apresentamos um recorte do projeto *Temporalidades no/do cotidiano escolar*, em que é narrada uma roda de conversa ocorrida em 21 de março de 2013 com as professoras de uma escola municipal acerca das narrativas da linha do tempo da vida de cada uma registradas nos *Cadernos de narrativas*. No desenvolvimento, explicitamos o lugar da pesquisa em nossos estudos, o uso da *pesquisa no/do/com o cotidiano* como processo metodológico e a concepção de tempo complexo na perspectiva de Edgar Morin. Chegamos, assim, à narrativa da vida de professoras nessa roda de conversa e às conversações sobre as temporalidades em sua vida. A imobilidade da educação se pauta num

^{*} Pesquisadora no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação e Diversidade. Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação e na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. *E-mail:* <luciana.marques65@gmail.com>

^{**} Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. *E-mail:* <kargabri@uol.com.br>

^{***} Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Bolsista da Fapemig. *E-mail:* <alan.faced@yahoo.com.br>

saudosismo de um passado, e transformá-la implica reconstruí-la a partir do presente, considerando a complexidade dos acontecimentos.

Abstract: Our studies in Education and Diversity in / Nucleus Research Group for Studies and Research in Education and Diversity (Neped), Faculty of Education, Federal University of Juiz de Fora, have been directed towards understanding the differences, both in refer to the historical background, philosophical, sociological involving Actuality in another way that men and women are, and they are in and relate to the world, as well as the reflections of all this change in and for education. One line of research at the Center – Everyday school and Diversity - has as a backdrop the displacement of data from the universal modernity for the multiple of Today, by analyzing the categories knowledge, time, space and subject. Particularly in the Times Group, we focused our studies / research in the thematic time. In this text, we present part of the project “*Temporalities in the everyday school*” by recounting an informal conversation session that took place on the 21st march 2013, with teachers of a public school about the timeline of their lives which were then organized in *narrative* notebooks. We also explain in the text the role of research in our studies and its use as a methodological process of the everyday experience research, and the Edgar Morin’s perspective of the complex notion of time. We then describe the narratives shared and collected in the conversation with the teachers. The unchanging education system relies on nostalgia for a time which has passed, hence, change it means reconstructing the present by taking the complexity of the daily events into account.

Keywords: Temporalities. Teachers. Complexity.

O jogo do vir-a-ser é de uma prodigiosa complexidade. A história inova, deriva, desorganiza-se. [...] A evolução é deriva, transgressão, criação; é feita de rupturas, perturbações, crises. [...] Além do mais, existem sucessões críticas, “crísicas” e incertas nas quais a história hesita, seja pelo influxo de forças contrárias que temporariamente se anulam entre si, seja em momentos de bifurcações onde se operam eleições, abrem-se sucessões, seja nas bifurcações que geralmente se apresentam nos prenúncios de um futuro aventureiro. A partir desse momento, basta uma fraquíssima inflexão inicial, qualquer pequeno deslocamento, uma eventualidade, uma decisão qualquer, para que todo o curso seja desviado. (MORIN, 2010, p. 16-17, grifo do autor).

As produções em educação sobre a temática *tempo* nos dão indícios de que a concepção linear de tempo ainda orienta a escola, sendo ele demarcado pelo relógio e pelos calendários, que são os reguladores da sua organização.

Questionamo-nos: Como as professoras têm experienciado as temporalidades no cotidiano escolar? Quais são os desdobramentos dessas experiências na prática pedagógica do Ensino Fundamental?

Tendo como princípio a indissociabilidade ensino/pesquisa/ extensão, o projeto que desenvolvemos envolve alunos da graduação em Pedagogia, Mestrado e Doutorado em Educação, professoras da escola de Ensino Fundamental pública, em estreita relação de partilha de conhecimentos, numa construção coletiva.

Para concretizarmos nossos objetivos, lançamos mão de uma metodologia inovadora de pesquisa, que é a *pesquisa no/do/com o cotidiano*, que, por se fazer no cotidiano da escola, permite um processo de *formação em contexto*.

Alves (2008, p. 15), salienta “que, como a vida, o cotidiano é um objeto complexo, o que exige também métodos complexos para conhecê-lo”. A autora destaca que, para compreender a complexidade, precisamos ir além do que foi aprendido com as virtualidades da modernidade, na qual o sentido da visão foi exaltado, onde era preciso ver para crer; compreender o conjunto de teorias, categorias, conceitos que herdamos das ciências na modernidade como um recurso indispensável não é somente apoio da rota a ser trilhada, mas limite ao que precisa ser tecido e incorporação da noção de complexidade, ampliando a fonte e a discussão sobre os modos de lidar com as diferenças, a heterogeneidade.

A pesquisa *no/do/com o cotidiano* busca romper com o saber científico como saber absoluto e soberano ao valorizar situações cotidianas como outra forma de saber. A proposta envolve uma imersão no cotidiano, lidando com as incertezas que lhe são próprias, tendo como método a dúvida. (GARCIA, 2003).

No mergulho numa escola municipal, neste ano de 2013, que denominaremos neste texto de “Gaia”, entregamos às professoras, cujos pseudônimos utilizados são de filósofas da Antiguidade, um caderno de narrativas, onde podiam escrever diariamente sobre as temporalidades *no/do* cotidiano escolar; e, a cada roda de conversa que fazíamos com elas, mensalmente, indicávamos uma questão para conversarmos mais aprofundadamente no próximo encontro.

A informalidade das rodas de conversa nos pareceu propícia por causar um clima de intimidade, provocando falas e indagações que permitiam a exploração de argumentos, sem, necessariamente, se chegar a conclusões e prescrições. (SILVA; BERNARDES, 2007).

Na roda de conversa de 21 de março de 2013, muita chuva caía na cidade, um temporal! Nem todas as professoras estavam presentes, mas a intensidade da discussão nos permitiu um momento saboroso de conversa em torno das temporalidades na nossa vida de professoras. Solicitamos que fizessem uma explanação pessoal sobre sua vida na linha do tempo registrada nos *Cadernos de narrativas*, conforme pedido na conversa anterior, e trouxemos alguns desses relatos, através deste estudo, para este V Simpósio Internacional de Educação e Filosofia.

Entendemos que as noções de tempo do autor Morin e sua perspectiva sobre a complexidade se coadunam com nosso posicionamento teórico-metodológico, auxiliando-nos a conversar sobre as temporalidades na vida das professoras presentes nessa roda *na/da* Escola Gaia, considerando as pesquisadoras como *participantes*.

O tempo em Morin

Para que possamos entender a concepção de tempo para Morin (2007), é necessário que tenhamos em mente o que é o pensamento *complexo*. Sempre que pensamos em algo complexo, remetemo-nos a algo oposto ao simples. Entretanto, para que possamos entender esse conceito, é necessário buscarmos o sentido, baseados na própria etimologia da palavra. *Complexo* vem do latim *complexus*, que significa tecido em conjunto. E o que é tecido em conjunto nessa instância?

Do século XVII em diante, com a Revolução Iluminista, os nossos pensamentos, as nossas idéias, eram conduzidas pela razão, não sendo por acaso que esse século foi entendido como a época do racionalismo. A razão, dita em poucas linhas, é aquilo que é produto de cálculo, é a adequação de alguns meios a alguns fins. Nós aprendemos que somos apenas racionais, somos *sapiens*.

O primeiro entrelaçamento do pensamento complexo diz que nós somos *homo* (gênero) e também *sapiens*; porém, se dissermos simplesmente que somos *Homo sapiens*, estamos somente nos identificando num contexto mais amplo, ou seja, estamos nos remetendo à ideia de que somos primatas não humanos (gorilas, chimpanzés, etc.).

Nesse sentido, houve a necessidade de ganharmos mais um *sapiens*. Morin (2002) considera, no entanto, que, se nós nos considerarmos apenas *Homo sapiens sapiens*, ainda estaríamos sendo sistemáticos demais, ou seja, nós somos *erectus*, nós falamos, nós nos comunicamos, nós descemos das árvores, que simbolizamos. Nós simplesmente construímos representações.

O pensamento complexo considera que precisamos adicionar outra característica a essa sistematização, que é o *demens*. Este último é o que denota que nós somos também descomedidos, nós somos loucos, descontrolados e comumente queremos afastar este lado, como se fosse algo mau, algo que deva ser retirado. Do ponto de vista histórico, essa concepção foi relativamente negada. Ainda assim, nessa condição mais atual da sociedade, somos considerados *Homo sapiens sapiens demens*. Esse é o primeiro entrelaçamento do complexo.

A segunda ideia que está no pensamento complexo são os operadores da complexidade. Morin diz que são os operadores que colocam em movimento o pensamento. As três bases que formam esse pensamento são os operadores: dialógico, recursivo e hologramático.

O operador dialógico consiste no entendimento da dialogia, que significa entrelaçar coisas que aparentemente estão separadas, como, por exemplo, a razão e a emoção; o sensível e o inteligível; o real e o imaginário. É de suma importância que, ao fazermos essa relação, percebamos que, no pensamento complexo, não há síntese.

A recursividade significa dizer que a causa produz o efeito, que produz a causa. Podemos dizer que esse conceito se resume num circuito recursivo, como a nossa própria existência, que é produto da união biológica entre um homem e uma mulher, e, ao mesmo tempo, seremos produtores de outras uniões. Nós somos recursivamente causa e efeito.

O operador hologramático consiste em não dissociar a parte do todo, ou seja, a parte está no todo, assim como o todo está na parte.

Com esses três operadores, Morin constrói a noção de totalidade. É fundamental que tenhamos em pensamento que a totalidade é sempre aberta. Isso significa que, no pensamento complexo, a totalidade tanto pode ser mais que a soma quanto, eventualmente, ser menos que o todo.

Por mais que o pensamento racional do século XVII tenha nos levado a questões dicotômicas, nós nunca deixamos de produzir cultura e estamos numa longa ordem biológica que nos fez como nós somos agora.

Nesse sentido, somos cem por cento natureza e cem por cento cultura, postas como dissociadas pelo pensamento cartesiano. Assim, não aprendemos a ser complexos. Morin, precursor do pensamento complexo e crítico das ideias reducionistas, diz:

Meu propósito aqui não é enumerar os “mandamentos” do pensamento complexo que tentei apresentar. É sensibilizar para as enormes carências de nosso pensamento e compreender que um pensamento mutilador conduz necessariamente a ações mutilantes. É tomar consciência da patologia contemporânea do pensamento. A antiga patologia do pensamento dava uma vida independente aos mitos e aos deuses que criava. A patologia moderna da mente está na hipersimplificação que não deixa ver a complexidade do real. A patologia da idéia está no idealismo, onde a idéia oculta a realidade que ela tem por missão traduzir e assumir como a única real. A doença da teoria está no doutrinarmismo e no dogmatismo, que fecham a teoria nela mesma e a enrijecem. A patologia da razão é a racionalização que encerra o real num sistema de idéias coerente, mas parcial e unilateral, e que não sabe que uma parte do real é irracionalizável, nem que a racionalidade tem por missão dialogar com o irracionalizável. (MORIN, 2007, p. 15, grifo do autor).

Portanto, temos obstáculos criados acerca da ideia racional, que é um esforço de adequação entre meios e fins. Sendo assim, Morin faz uma abordagem da complexidade em qualquer instância de qualquer sistema vivo. Desse modo, para o autor, qualquer unidade é guiada por uma tetralogia, que envolve relações de ordem, desordem, interação e reorganização. Morin (2007) a chama de “tetragrama organizacional”, que, aliado aos três sistemas operacionais, constitui a base fundamental do pensamento complexo. Apesar de esse entrelaçamento formar a sustentação do pensamento, Morin (2007) ainda enfatiza que:

a complexidade não compreende apenas quantidades de unidade e interações que desafiam nossas possibilidades de cálculo: ela compreende também incertezas, indeterminações, fenômenos aleatórios. A complexidade num certo sentido sempre tem relação com o acaso. Assim, a complexidade coincide com uma parte de incerteza, seja proveniente dos limites de nosso entendimento, seja inscrita nos fenômenos. Mas a complexidade não se reduz à incerteza, *é a incerteza no seio de sistemas ricamente organizados*. Ela diz respeito a sistemas

semi-aleatórios cuja ordem é inseparável dos acasos que os concernem. A complexidade está, pois, ligada a certa mistura de ordem e de desordem, mistura íntima, ao contrário da ordem/desordem estatística, onde a ordem (pobre e estática) reina no nível das grandes populações e a desordem (pobre, porque pura indeterminação) reina no nível das unidades elementares. (2007, p. 35).

Com o pensamento racional e, conseqüentemente dicotômico, elaborado por Descartes, hoje, para se fazer ir à contramão dessa perspectiva, temos que “reaprender a pensar”, ou seja, a religar os conceitos que supostamente não se conectam, desde a visão cartesiana.

Nesse sentido, vemos com pertinência que a concepção de *tempo* para o autor estava pautada numa noção sem presente, sobretudo orientado, considerando como crucial a irreversibilidade.

Para que possamos entender como Morin trabalha a perspectiva *tempo*, é necessário que tenhamos em mente qual é a sua abordagem acerca do devir, que consiste no ser que já é em movimento, não o vir-a-ser. Sendo assim, ele rompe com a visão de que a chave da compreensão da realidade natural encontra-se na própria realidade e não fora dela, buscando apenas explicações no concreto. Explicita:

A ordem física ignorou a irreversibilidade do tempo até o segundo princípio da termodinâmica. A ordem cósmica ignorou a irreversibilidade do tempo até 1965, quando o universo entrou no devir. Assim se liquidou a eternidade das leis da natureza. Já não há *physis* congelada. Tudo nasceu, tudo apareceu, tudo surgiu, uma vez. A matéria tem uma história. (MORIN, 1997, p. 85).

É nesse ínterim que o autor não dissocia tempo de complexidade. Morin nos lembra que

o tempo é uno e múltiplo. É simultaneamente contínuo e descontínuo, ou seja como vimos, eventual, agitado por rupturas e sobressaltos que rompem o seu fio e eventualmente recriam, noutros sítios, outros fios. Este tempo é, no seu mesmo movimento, o tempo das derivações e dispersões, o tempo das morfogêneses e dos desenvolvimentos. (1997, p. 85).

Morin faz menção a cada um desses tempos, enfatizando que caminhavam em sentidos opostos. O primeiro propunha uma ruptura com o pensamento pautado na racionalidade. E o segundo rompia diretamente com a teoria da evolução das espécies. Sendo assim, ficaram separados ignorando qualquer possibilidade de progresso na mesma direção.

Para o francês, na atualidade e, principalmente pensando complexamente, podemos romper com essa visão entre esses dois tempos, que supostamente são disjuntos e se desconhecem. Essas concepções, esses tempos são por si contraditórios, entretanto, ao mesmo tempo, um.

Ao abordarmos esse tempo complexo, observaremos que ele está pautado pelas reiterações, pelos ciclos e recomeços, que são alimentados pelo tempo irreversível. Morin (1997, p. 86) diz que, “tal como são perturbados pelo tempo eventual, o seu movimento é sempre espiralóide e está sempre submetido ao risco de ruptura”.

Tecer em conjunto nessa instância nos conduz a um emaranhado de percepções cujo entendimento da complexidade ainda ficará aquém de nossa visão, se não nos libertarmos da concepção fragmentadora, que está arraigada tanto na parte quanto no todo. Para Morin,

o grande tempo do devir é sincrético (foi isto que ignoraram as grandes filosofias do devir, a começar pela maior de todas, a de Hegel). Mistura em si diversamente, nos seus fluxos e nos seus encadeamentos, estes diversos tempos, como ilhéus temporários de imobilização (cristalização, estabilização), turbilhões e ciclos de tempo reiterativos. A complexidade do tempo *real* resiste neste sincretismo rico. Todos estes tempos diversos estão presentes, agindo, interferindo no ser vivo e, bem entendido, no homem: todo o ser vivo, todo o ser humano traz consigo o tempo do acontecimento/acidente/catástrofe (o nascimento e a morte), o tempo da desintegração (a senilidade que, *via* morte, conduz à decomposição), o tempo do desenvolvimento organizacional (a ontogênese do indivíduo), o tempo da reiteração (a repetição quotidiana sazonal dos ciclos, ritmos e actividades), o tempo da estabilização (homeostasia). De modo refinado, o tempo catastrófico e o tempo da desintegração inscrevem-se no ciclo reiterativo, ordenado/organizado (os nascimentos e as mortes são constitutivos do ciclo de recomeço e de reprodução). E todos estes tempos inscrevem-se na hemorragia irreversível do cosmo. (1997, p. 86).

A noção de tempo se dilui nas obras de Morin como uma espécie de fluxo de seu pensamento intrínseco à sua própria escrita, admitindo as incertezas e as desordens no movimento da própria vida/conhecimento que ressignifica o presente, mergulhado na construção do instante. Dessa forma, para Morin (1997, p. 86), “assim, logo à partida, o novo universo faz surgir não só o tempo irreversível, mas também o tempo complexo”.

O autor destaca a tendência humana de descrever o passado e o presente e, a partir deles, tentar prever o futuro sem, entretanto, considerar a complexidade dos acontecimentos. Para ele, “a concepção simplista acredita que o passado e o presente são conhecidos, que os fatores de evolução são conhecidos, que a causalidade é linear e, por conseguinte, que o futuro pode ser predito”. (MORIN, 2010, p. 11).

Afirma que é fato que o passado contribui para a construção do presente, porém ressalta que as experiências do presente também contribuem para o conhecimento do passado, transformando-o, uma vez que é reconstruído a partir do presente, de acordo com aquilo que é considerado, no presente, como histórico. “Assim, o passado adquire seu sentido a partir do olhar posterior que lhe dá o sentido da história.” (MORIN, 2010, p. 12). Entretanto, faz a ressalva de que, como o presente se modifica e surgem novas experiências a todo instante, o passado também será reconstruído ao mesmo tempo, e será dado um novo enfoque aos acontecimentos desse passado – cada novo presente corresponderá a um novo passado.

Por outro lado, afirma que, para se conhecer o presente, é necessário que se conheça o passado, esse mesmo passado que, para ser conhecido, depende do conhecimento do presente – “*o conhecimento do presente requer o conhecimento do passado que, por sua vez, requer o conhecimento do presente*”. (MORIN, 2010, p. 13, grifo do autor).

Morin (2010) alerta então que, como o futuro nasce do presente, a dificuldade para pensá-lo deriva da dificuldade de se pensar o próprio presente. Assim, para o autor, a evolução não obedece às leis, nem aos determinismos, e que, portanto, as inovações, as invenções e as criações do futuro, embora dependam de condições preexistentes, não podem ser concebidas antes do momento exato em que passam a existir. As inovações, as invenções e as criações, quando surgem, produzem transgressões que podem revolucionar a evolução, mudando tendências, gerando crises de paradigmas.

A narrativa da vida das professoras

A história de cada indivíduo é formada de acontecimentos: uns felizes, outros tristes, de realizações, de decepções, de partilhas, de perdas, de ganhos, de idas, de vindas... Enfim, de permanências e de rupturas. Esses acontecimentos são como pedacinhos de pano que, costurados e alinhavados, formam uma colcha de retalhos na qual está inserida a história de cada um, num movimento que Morin (1997, 2002, 2007, 2010) denomina de *complexidade*.

A conversa, do dia 21 de março de 2013, foi conduzida respeitando-se o momento de cada uma ali presente, pois, ao rememorarmos algum acontecimento do passado, podemos nos expor e relembrar grandes dores e alegrias.

Iniciamos a conversa com a fala da professora Enheduana: “A linha do tempo de cada um é como uma colcha de retalhos. Têm coisas que combinam, outras não.” Foi ouvindo essa professora e fazendo uma reflexão sobre as tiras coloridas da confecção de sua história de vida que imaginamos que, ao coser a colcha, as estampas não combinam, mas se harmonizam entre si. O resultado nos lembra que os tecidos foram selecionados de acordo com nossas escolhas, num *complexus*.

Lopamudra foi a primeira a relatar sua linha do tempo. Começou dizendo que era magérrima, e hoje, aos 53 anos, isso mudou. Temístocleia solicitou: “Conte, dentro desse tempo, o que foi significativo para você.” Então, a professora narrou que foi da primeira turma noturna de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora e, enquanto cursava a faculdade, ficou grávida de sua segunda filha. Na sua concepção, essa etapa “foi suada”. Ressaltou também que deixou várias oportunidades passarem no início de sua carreira profissional. Nesse instante, percebemos um arrependimento por parte dela por não ter aproveitado as chances profissionais e de ter deixado o tempo passar. Temístocleia intercedeu: “Tudo ao seu tempo.”

Continuamos a ouvir. Agora foi a vez da professora Safo, que explicou que, ao iniciar a escrita de sua linha do tempo, demarcou com caneta azul os fatos positivos que haviam ocorrido no seu caminhar, e com caneta vermelha, os negativos. Relatou a perda de sua mãe e o auxílio de sua professora durante boa parte da vida estudantil. Em sua concepção: “Tudo foi me levando a ser professora.” Nesse momento, Temístocleia nos lembrou que sempre temos alguém que nos ajuda nos momentos difíceis.

Aristocleia discorreu sobre fatos que marcaram sua vida. Relatou que sua avó era professora e que auxiliou várias crianças da comunidade na realização dos deveres de casa, à tardinha, depois do horário escolar, na varanda de sua casa, em torno de uma grande mesa de madeira. Comentou que, desde aquele momento, em que via e acompanhava sua avó na atividade, sabia que iria ser professora. Começou o curso de Psicologia no Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, mas paralelamente cursou Magistério como complementação do Ensino Médio por um ano e iniciou Pedagogia na Universidade Federal de Juiz de Fora. Expôs que a reação de seus familiares não tinha sido favorável à sua decisão. Na concepção daqueles, a carreira docente remunerava aquém do desejado e era cheia de dissabores. Ao contrário, Aristocleia disse que sentia apenas deliciosos sabores no exercício de ser professora.

Nesse momento, o grupo explicitou a pouca valorização da profissão de docente, e Theanã nos contou que, quando cursava o Ensino Médio, alguns professores diziam que ela era inteligente e, sendo assim, questionavam a sua escolha: a carreira de professora. Compreendemos que realizar uma tarefa com prazer e emoção pode sensibilizar aqueles que nos têm como exemplo, a seguir esse mesmo caminho.

Já a professora Aspásia fez um retorno ao seu tempo de estudante e evidenciou que sempre foi incentivada pelos seus pais a estudar, apesar de eles não terem conhecimentos acadêmicos. Explicou que auxiliou seu progenitor quando ele desejou e voltou a frequentar os bancos escolares. Aspásia alinhou sua experiência de aluna, filha e profissional. No entanto, a mesma comentou que a dinâmica hoje é outra, pois os pais de hoje não demonstram os mesmos interesses ou responsabilidades em relação à educação de seus filhos. Temistocleia apontou que as relações atuais se estabelecem em outros parâmetros, e que o desejo de ser como em tempo atrás nos coloca num eterno passado de saudades, sem soluções no hoje para a construção de outras possibilidades.

As discussões caminharam para experienciarmos, saborearmos, deliciarmo-nos com os acontecimentos como eles ocorreram naquele tempo. Viver bem cada acontecimento pode fazer toda a diferença no ser. Quando fazemos algo de que gostamos, o tempo passa rápido e de forma agradável; mas, se estamos doentes ou cerceados em nossa liberdade física e/ou psicológica, então o tempo passa a ser o nosso maior rival.

Temistocleia perguntou ao grupo sobre o relato no caderno de uma professora que dizia ter encontrado um rapaz e que, na época, não “tinha

dado em nada”. Esse moço tornou-se seu marido mais tarde. Diotima se manifestou e contou a história do seu encontro com o marido, mas falando do rapaz, no passado, anterior ao encontro como seu marido, que é hoje, mesmo antes de sê-lo. Temistocléia comentou sobre essa atualização que fazemos da memória no tempo. Quando nos lembramos de algo ocorrido no passado, experienciamos a lembrança no hoje. A memória de hoje se atualiza.

A professora Enheduana, angustiada com o cotidiano escolar e com tudo aquilo que representa ser professora hoje, descreveu-nos situações que presencia diariamente. Segundo ela, em determinada ocasião de seu trajeto profissional, uma aluna não realizou a atividade proposta. A criança justificou que em sua residência não havia material impresso para fazer recortes, porquanto a mãe se desfêz de uma única revista que estava em sua casa dizendo que tal material não podia continuar lá, uma vez que ele representava lixo, e em sua casa não havia lugar para isso.

Essas reflexões nos fizeram conversar sobre o objetivo da educação para os sujeitos na atualidade, já que, no passado, a educação era vista como um passo para a ascensão social e hoje é buscada para a obtenção de um título, mas distanciada de uma possibilidade de obtenção de uma vida favorável ao lazer e ao consumo que se deseja alcançar.

Nesse ínterim, a professora Enheduana demonstrou uma inquietude quanto ao aumento dos dias letivos e a baixa qualidade do ensino nas escolas brasileiras. Temistocleia nos lembrou que o fato de acrescentarmos mais horas no calendário escolar não implica em avanços na qualidade do ensino.

Nessa linha de pensamento, Temistocleia explicou ao grupo que a escola vem direcionando a aprendizagem de acordo com o tempo cronológico. Hoje há diversos marcadores de tempo na escola: tempo das disciplinas, tempo do recreio, tempo da merenda... Tudo isso foi moldado, e só sabemos viver a escola dessa maneira. Será que teríamos condições de mudar isso?

Asioteia disse que podemos considerar que as coisas coexistem e que passamos a direcionar nosso cotidiano pautando-nos pelo jeito que sempre fizemos as coisas. Nessa perspectiva: Qual é o motivo de mudar se está “dando certo” do jeito que fazemos? “Está dando certo?” Questionou. Como o tempo já se esgotava, Asioteia ainda questionou: Estamos marcando a nossa vida no tempo ou estamos deixando o tempo passar sem marcar nossa vida?

Após isso, Temistocleia apresentou-nos a proposta para a próxima reunião do dia 25 de abril.

As temporalidades na vida de professoras

As temporalidades foram tecidas nos ciclos da vida. Tecer em conjunto nos conduziu a um emaranhado complexo, longe da fragmentação em partes. Admitimos as incertezas e as desordens no movimento da própria vida, mergulhados na construção do instante, como pressupõe Morin, e vivendo um tempo complexo. Tempo de ser estudante, tempo de se formar, tempo de ser auxiliada, tempo de escolher, tempo de casar, tempo dos pais, tempo do fazer, tempo da escola, entre outros tantos tempos.

Tendemos a descrever o passado, desconsiderando a complexidade dos acontecimentos; buscamos o entendimento de que as experiências do presente contribuem para se conhecer o passado e o transformar, sendo esse reconstruído a partir do presente. Conversando, visualizamos o fato de a imobilidade da educação estar justamente na nossa dificuldade de pensar o presente, sendo a nossa vida e a vida escolar colocadas no saudosismo de um passado que recomeça sempre, atualizando-se e se tornando presente, repetido como se fosse o mesmo, outro não visível em sua complexidade.

Voltemos à questão da professora Enheduana, quando afirma que a linha do tempo de cada um é como uma colcha de retalhos que tem coisas que combinam e outras não. Durante essas reflexões de um final de tarde e início de uma noite chuvosa, pudemos perceber que um caminhar não se faz solitário, e que os caminhos se completam, que o tempo do outro é diferente do nosso, bem como a forma de o experienciarmos.

Talvez do que necessitamos seja vontade para mudar o nosso fazer, entendendo que existem outras formas de realizar as tarefas cotidianas. E ainda, a história de cada uma é um retalho que, unido ao das outras, forma uma colcha que confecciona a história da escola. Ao costurarmos esses retalhos, poderemos oportunizar outras práticas e outros planejamentos. Talvez tudo isso venha beneficiar outros, ou talvez sejamos, nós, os grandes beneficiados.

Referências

- ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda (Org.). *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes*. Petrópolis: DP et alii, 2008. p. 15-38.
- GARCIA, Regina Leite (Org.). *Método, métodos e contramétodos*. São Paulo: Cortez, 2003.
- MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- _____. *O método I: a natureza da natureza*. 3. ed. São Paulo: Europa-América, 1997.
- _____. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. *Para onde vai o mundo?* Trad. de Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2010.
- SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves; BERNARDES, Nara Maria Guazelli. Rodas de conversas: excelência acadêmica é a diversidade. *Educação*, Porto Alegre, v. 30, n. 1 (61), p. 53-92, jan./mar. 2007.

Submetido em 18 de maio de 2015.
Aprovado em 25 de junho de 2015.